**TOSCANO,** M.ª de Fátima

# Da 'pobreza' *voluntária* à *hiper-socializada*? — uma interpretação sociológica das identidades sociais de mulheres 'pobres' a partir da obra de Talcott Parsons, I.ª parte

## Introdução: Sociologia, identidades e mulheres socialmente desqualificadas

*Uma Sociologia das Identidades, é posssível* ? — perguntava Suzie Guth, em 1994, nessa obra marcante para a *sociologia compreensiva* da 'exclusão social'. Hoje, volvidas 3 décadas, vários estudos e perspectivas consolidaram a problematização e a análise sociológicas das *identidades sociais*. Pelo que a questão de que este texto parte é outra: *como* tem a *Sociologia das Identidades* contribuído para o conhecimento sociológico de fenómenos sociais designados por pobreza e desqualificação[i] sociais? Na análise que aqui se apresenta partimos de 4 postulados:

**1.** O presente texto ancora-se no entendimento sociológico da 'pobreza' e da desqualificação como *experiências sociais* (Dubet 1996). Considera-as, pois, vivências sócio-históricas, em *contextos* amplos e *situações* particulares, *temporalizadas* e *circunstancializadas*, como ensinou Dubar (2006, 1995, 1994, 1993 e 1992).

**2.** Na linha de abordagem que temos vindo a trabalhar (Toscano 1993, 2002, 2006, 2010, 2015a, 2015b, 2017) alargou-se o *princípio sociológico da contextualização*: desde a análise 'da pobreza' e da desqualificação social abriu-se à observação dos trajectos sócio-biográficos, de modo a atentar na eventual requalificação dos actores, ditos pobres, em sujeitos sociais.[ii]

Assim, assumimos o princípio de que *conhecer sociologicamente* é conhecer *como* os actores sociais se vão contextualizando, des-contextualizando, re-contextualizando e situando socialmente. Noutras palavras, parte-se da formulação 'pela positiva' — *como se sai da pobreza?* — para reorientar um ângulo de observação que se nos afigura ser uma 'formulação pela negativa', ao fechar-se na observação 'dos problemas', p. exº: *o que é a pobreza ? quem/como são os pobres ?*.

**3.** Adoptando o princípio de que conhecer sociologicamente é conhecer o *trabalho de acção* por actores contextualizados e situados, temos privilegiado a análise dos quotidianos de desqualificação e requalificação sócio-identária de mulheres, ao invés do *vazio social* das primeiras perspectivas de identidade social (Amâncio 1993 e 1995).

Tenha-se também presente que a análise das *noções de identidade contidas nas propostas sociológicas* começou a ser sinalizada no *período formativo* da Sociologia. Instituindo-se esta como o novo saber, propondo um *outro* olhar sobre a relação indivíduo-sociedade[iii], não conseguiria, como é sabido, superar cabalmente a abordagem dicotómica da mesma relação. Recordem-se as marcas desta concepção: *i)* quer nos sociólogos fundadores (Marx, Durkheim, Weber), de que as leituras clássicas de Durkheim e de Marx se revelam exemplos teóricos paradigmáticos, simultaneamente imbuídos e potenciadores daquela racionalidade dicotómica; *ii)* quer em sociólogos posteriores, de entre os quais tomamos Parsons para a presente reflexão sobre as suas divergentes conceptualizações da relação actor-sociedade: a da *Acção* e a do *Sistema*.

**4.** Entre os princípios fundadores da sociologia *compreensiva* e *interpretativa*, ressaltamos um: '*não há idiotas sociais'*, o qual implica valorizar, para além dos contextos e das margens de condicionamento da acção social, as diversificadas competências criativas que os actores podem accionar, a saber: *i) jogos* culturais entre papéis e respectivas leituras, interaccionais (Goffman 1959, 1963 e 1987); *ii) capitais* múltiplos (Bourdieu 1964, 1968, 1972, 1979, 1980 e 1993); *iii) recursos* de tipos e

proveniências diferentes (Townsend 1979); ou *iv) lógicas de acção* complexas (Dubet 1996). E implica ainda valorizar o conhecimento das potencialidades desses actores para elegerem (conscientemente, ou não) distintas *estratégias* e *tácticas* identitárias[iv] ante a desqualificação dos 'territórios sócio-identitários' (Toscano 2010).

Na leitura que se passa a apresentar, expoem-se as formulações centrais de Parsons para, daí, inferirmos contributos e discutirmos vectores de análise — latentes e manifestos — que podem integrar (potenciar ou limitar) a abordagem sociológica dos processos de requalificação sócio-identitária de mulheres.
A curiosíssima e dupla proposta parsoneana vai comungar dos determinismos normativos-prescritivos das primeiras análises das identidades — com o *volte-face* de Parsons, ao abandonar a Teoria Voluntarista pela do Sistema da Acção. Com efeito, na sua obra, a funcionalidade da estratificação da sociedade liberal americana acabaria por justificar, 'estruturo-funcionalmente', as desiguais socializações e interiorizações culturais, de que os *papéis-estatutos* da classe média americana são o expoente (Dubet 1996: 31 e ss.). Está ainda subjacente à sua produção — ao abandonar a focalização no *trabalho da acção* — uma visão sociocêntrica do sistema social, se bem que com argumentos distintos, como se escreve já a seguir.

## I. Parsons, o último dos sociólogos clássicos

O legado de Talcott Parsons (1902 †1980) é considerado como a obra do último dos clássicos. Americano entusiasta do modelo liberal americano, deu um valioso contributo na aplicação da Análise Sistémica à sociedade e às ciências sociais[v]. Foi também o expoente e criador da grande corrente estruturo-funcionalista[vi] na Sociologia. Mas, sobretudo, deve salientar-se que, para além de ter construído uma obra extensíssima, esta consistiu na produção, não de uma mas, de duas complexas Teorias Sociológicas (Dawe 1988): a Teoria Voluntarista da Acção, em 1937[vii]; e a posterior Teoria do Sistema Social[viii].
T. Parsons começa a sua obra por elaborar uma revisão crítica da tradição sociológica de análise da acção social — centrando-se nos contributos de Weber, Marshal, Pareto e Durkheim. Dessa revisão, realça que tal tradição assenta num esquema dicotómico que baptiza de *dualismo positivista-idealista*. Trata-se, segundo Parsons, *a)* por um lado, da análise por sociólogos que sobrevalorizam os elementos normativos e a acção humana como um processo adaptativo, defendendo que o actor deve adequar-se de modo passivo à realidade social e aos padrões pré-existentes; e, *b)* por outro lado, de autores idealistas que, ao sobrevalorizarem os componentes ideais da acção, rebatem os postulados dos primeiros. Mas, no seu percurso, Parsons, paradoxalmente, refor-çará a perspectiva exterior-coerciva da socialização e da prescrição identitárias — motivo para se abordarem atentamente ambas as Teorias.

## II. Identidades Sociais, Racionais e Voluntárias: gerir a Tensão Herdado/Desejado

Com a Teoria Voluntarista da Acção Parsons visa re-situar a *relação meio-fim* e a *racionalidade* no comportamento social (Almaraz 1981; Dubet 1996: 31).
De forma global, o sociólogo defende que a *acção social* não é exclusivamente *i)* nem a adaptação a acções objectivas e exteriormente delineáveis; *ii)* nem a exclusiva manifestação de ideais, intenções, valores e sentido subjectivo dos actores sociais. Quanto à visão de *actor social* da Teoria Voluntarista da Acção, revela afinidades genéricas com

a abordagem do Controle Social, especificamente ao sublinhar a racionalidade e o voluntarismo do indivíduo social, como se passa a analisar.

### II. 1. Actor, condicionantes e intencionalidade da acção

Para Parsons o actor é optimista, racional e criativo-construtivo; pelo que valoriza a capacidade daquele transformar a vida social pela sua acção (Martindale 1979). Com efeito, para o sociólogo da Teoria Voluntarista, o *comportamento social* é simultaneamente condicionado e orientado para *fins*; porém, considera que estes só são atingidos quando o actor escolhe os meios mais adequados. É que a acção humana, segundo Parsons, relaciona os *condicionantes* da acção, quer dizer, a *intencionalidade* do actor e o *meio*. Por *condicionantes* da acção designa a realidade, os elementos objectivos; quanto à intencionalidade do actor, aborda-a na sua relação com outros e com o meio. Assim, a *realidade* engloba as *condições* nas quais agimos, o *contexto* e os nossos papéis, intenções e orientações.

Para evidenciar a criatividade do actor social, o sociólogo salienta-lhe a capacidade de adequação dinâmica às *condições da acção*. Parsons entende que, embora estas condições sejam previamente dadas, o actor é capaz de as transformar quando se orienta pelos seus *valores* como pela sua atribuição de *significados*. Donde, na Teoria Voluntarista da Acção *só há acção social porque o actor confere significados a determinada realidade objectiva*.

*Actor*, *situação*, *condições* e *intencionalidade* da acção: eis os ingredientes basilares da proposta parsoneana das identidades, voluntariamente afirmadas na realidade social.

Face a esta concepção de actor, fundada na aliança da subjectividade com a racionalidade, como operacionaliza Parsons tal aliança?

### II. 2. Novo *sistema de acção* e actor racionalmente subjectivo

Na Teoria Voluntarista da Acção o sociólogo interroga-se quanto aos elementos presentes em todos os comportamentos sociais, elegendo como âmbito de análise o *'unict act'* ou a *'mínima unidade fenomenológica da acção'* (Almaraz 1981: 561).

O seu propósito é identificar, de entre os componentes de cada um desses comportamentos sociais *elementares*, os que possam ser generalizados a *todos* os comportamentos sociais, ao que chama de *novo sistema generalizado da acção*. Tais elementos, segundo T. Parsons, são quatro — herança-meio ambiente; meios-fins; valores últimos e esforço[ix]. E englobam, em profunda inter-relação sistémica, *i)* quer os *elementos condicionais*: objectivos, ou condições últimas da acção (herança e meio-ambiente); *ii)* quer os *elementos normativos* ou fins últimos que presidem à acção mas não se realizam de modo automático.

Pelo que a acção social, na teoria voluntarista de Parsons, é um *estado de tensão relacional* entre os *elementos condicionais* e os *elementos normativos*, embora defenda que os elementos normativos só se realizam em virtude da actividade do actor. Assim, a sociologia voluntarista apenas examina aqueles elementos nas suas relações com a acção, pois não os considera elementos normativos *em si mesmos*. (1981: 153 e 161).

Os condicionamentos da acção e as intenções do actor configuram um sector intermédio meio-fim que, por sua vez, é articulado pelo voluntarismo, ou *esforço*, do actor. Este, por ser *criativo*, não é estritamente adaptativo pois consegue gerir a tensão existente entre as situações previamente dadas e as suas *intenções* de transformar ou superar esses *condicionalismos*. E consegue-o porque o actor da Teoria Voluntarista da Acção é capaz de recriar as situações inicias, pois é dotado de racionalidade para escolher os meios *adequados* aos fins *visados*.

Então, segundo o sociólogo Parsons da Teoria Voluntarista da Acção, *a racionalidade é intrínseca à acção social* porque o actor tem competências para, perante situações previamente dadas, escolher os meios adequados para realizar os fins.
Pode extrapolar-se para a nossa problemática que as identidades-em processos de desqualificação e de requalificação sociais seriam entendidas, pela Teoria Voluntarista da Acção, como a constante *gestão*, pelo *esforço* dos actores-sujeitos, entre
*i)* os componentes desqualificadores anteriores-exteriores e histórico-envolventes
e
*ii)* as suas volições, desejos e necessidades de requalificação social.

Uma vez que Talcott Parsons enraiza o carácter criativo da acção no *elemento esforço* que o actor orienta criativamente para as normas comuns, ainda pode aventar-se: para a Teoria Voluntarista da Acção, (os)-as (sujeitos)-mulheres em processos de requalificação social seriam actores *exemplares*?

Na continuação do seu trabalho, Parsons confronta-se com *dois pré-requisitos funcionais* ao nível social: a ordem social e a adequação entre a motivação para agir e a optimização da satisfação almejada.
Nessa análise, vai abandonar definitivamente a concepção de acção social como *'una clase de unidad atomica, de la que las sociedades están compuestas'*, passando a tratar *'a la acción misma como sistema.'* (Martindale 1979: 569).
É o que veremos na II.ª Parte deste texto.

## Referências da I.ª Parte


Almaraz, José.1981. La Teoría Sociológica de Talcott Parsons. Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas.

Amâncio, Lígia.1993. 'Identidade Social e relações intergrupais'. In Psicologia Social. Jorge Vala e Maria Benedita Monteiro (orgs.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Cap. XI: 287-307.

—1995. Masculino e Feminino. A construção social da diferença. Porto: Afrontamento.

Bourdieu, Pierre. 1979. La Distinction. Critique sociale du jugement. Paris: Les éditions de Minuit.

—1972. Esquisse d'une théorie de la pratique. Précédé de trois études d'éthnologie kabile. Genève: Droz.

—1993. La Misère du monde. Paris: Éd. du Seuil.

—1980. Le sens pratique. Paris: Minuit.

— e Chamboderon, Jean-Claude e Passeron, Jean-Claude.1968. Le métier de sociologue. Paris: Mouton-Bordas.

— e Passeron, Jean-Claude. 1964.Les Héritiers. Paris: Minuit.

Camilleri, Carmel et al. 1990. Stratégies Identitaires. Paris: PUF.

Cazeneuve, Jean. 1995. La Personne et la Société. Paris: PUF.

Dawe, Alan.1988 [1978]. 'Teorias de Acção Social. In Historia del análisis sociológico. Tom Bottomore e Robert Nisbet (comp.). Buenos Aires: Amorrortu editores.

Demazière, Didier.1999. 'Les logiques de recherche d'emploi entre activités professionnelles et activités domestiques». Cahiers du Genre - Un continent noir: le travail féminin. Coordonné par Jacqueline Heinen et Danièle Kergoat. n.º 26.

— e Dubar, Claude.1997. Analyser les Entretiens Biographiques. L'exemple des récits d'insértion.Paris: Nathan.

Dubar, Claude. 2006.A Crise das Identidades. A Interpretação de uma Mutação.

Porto: Afrontamento.

— 1995 [1984]. La Formation professionnelle continue. Paris: La Découverte.

— 1992. 'Formes identitaires et socialisation professionnelle'. Revue Française de Sociologie. XXXIII. (4): 505-529.

— 1991. La socialisation. Construction des identités sociales et profes-sionnelles. Paris: Armand Colin.

— 1994. 'Une Sociologie (Empirique) de l'Identité est-elle possible?'. In Une Sociologie des Identités est-elle possible? – Actes du Colloque Sociologies IV. Suzie Guth (dir). Paris: Editions l'Harmattan. Tome III: 24-31.

Durand, Jean-Pierre; Weil, Robert (dir.).1993. Sociologie contemporaine. Paris: Vigot.

Ferreira, J. M. Carvalho et al.1995. Sociologia. Lisboa: Editora McGrawHill de Portugal.

Goffman, Erving. 1982 [1963]. Estigma. Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada. 4ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

— 1975 [1959]. A Representação do Eu na Vida Quotidiana. Petrópolis: Vozes.

— 1987.'L'ordre de l'interaction'. Sociétés. n.º 14: 8-16.

Guth, Suzie (dir.). 1994. Une Sociologie des Identités est-elle possible? – Actes du Colloque Sociologies IV. Paris: Editions l'Harmattan.

Herpin, Nicolas. 1982 [1973]. A Sociologia Americana. Escolas. Problemáticas e Práticas. Porto: Afrontamento.

Lipiansky, Edmond Marc; Taboada-Léonetti, Isabelle; Vasquez, Ana. 1990. 'Intro-duction à la problématique de l'identité'. In Stratégies Identitaires. Camilleri et al. Paris: PUF: 7-26.

Martindale, Don. 1979 [1960]. La Teoria Sociológica − Naturaleza y Escuelas. Madrid: Aguilar.

Paugam, Serge.1994 [1991]. La disqualification sociale. Essai sur la nouvelle pauvreté. Paris: PUF.

— 1991. 'Les Statuts de la pauvreté assistée'. Revue Française de Sociologie. XXXII: pp. 75-101.

Touraine, Alain. 1992 . Critique de la Modernité. Paris: Fayard.

— 1976. Em defesa da Sociologia. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

— 1998 [1978]. Iguais e Diferentes. Poderemos viver juntos? Lisboa: Instituto Piaget.

— 2005. Un nouveau paradigme. Pour comprendre le monde d'aujourdh'hui. Paris: Fayard.

— 1984. Le retour de l'Acteur. Essai de Sociologie. Paris: Fayard.

— 1965. Sociologie de l'Action. Paris: Ed. du Seuil.

— 1978. La Voix et le Regard. Paris: Ed. du Seuil.

Toscano, M.ª de Fátima. 2015ª. "Como se sai da pobreza? — Os processos de requalificação sócio-identitária (prsi) de portuguesas no país basco, pela análise sociológica da oralidade." In Fernando Diogo, Alexandra Castro e Pedro Perista (Org.). *Pobreza e Exclusão Social em Portugal. Contextos, Transformações e Estudos.* V. N. Famalicão. Ed. Húmus: 197-212.

—1993a. Dimensões Sociocêntricas dos Estudos Sociais em torno dos 'Grupos Pobres'. Estruturas Sociais e Desenvolvimento. Actas do II Congresso Português de Sociologia. Lisboa: Ed. Fragmentos, vol. II, pp. 303-319.

—2017. How Does One "Leave" Poverty? - Socio-Identitarian Requalificatio Processes (PRSI) for Portuguese Women in the Basque Country, According to the Sociological Analysis of Oral Discourse. In 'Computer Supported Qualitative Research' Second International Symposium on Qualitative Research (ISQR 2017). Costa, A.P., Reis, L.P., Souza, F.N. de, Moreira, A. (Eds.), Springer Book. 2017.

— 2015b.“How women, designated as poor, reconstruct identities and ways of life? —the PRSI.” Journal of Education Culture and Society. No. 2_2014: 75-81. DOI: 10.15503/jecs20142.75.81.http://nowadays.home.pl/JECS/data/documents/JECS=202014=20=282=29=2075.81.pdf

— 1993b. Pobres: Destinos Fatais E Utilidade Social - por uma Sociologia da Acção Histórica. Dissertação de Mestrado em ‘Sociologia Aprofundada e Realidade Portuguesa’. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa - Dep. de Sociologia da Fac. de Ciências Sociais e Humanas. 546. pp. ; + Bibliog. ( 81 pp.); + Índices: de Temáticas (12 pp.), de Autores (13 pp.), + Geral (10 pp.); + Anexos (a, b, c: 54 pp.), + Anexo d (10 ilustr.), (polic.).

— 2006. Qualidade de Vida – Cuidar do Futuro: reptos sobre a exclusão social. Actas da IVª Semana Social Cidadania Pessoal, Responsabilidade Colectiva. Conferência Episcopal Portuguesa, Marinha Grande (15 a 17 de Novembro/2001): pp 81-91.

— 2002. Racionalidades Complexas, Trajectórias, Reinclusão Social: Esmeralda — um Processo Social de Reconstrução Identitária Cigana. Actas do IV Congresso Português de Sociologia. Associação Portuguesa de Sociologia, versão em papel e em CD.

— 2010 [2008]. Sociologia das Identidades, Ofício de Revelação: Exemplares Formas de Vida: Testemunhos de Mulheres Em Luta Pela Requalificação Social. Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Sociologia (regime especial de Apresentação ao abrigo do Art. 33.º do DL 74/2006 – DR 60 de Março 2006). ISCTE. 1.ª impressão: Julho, 2008; re-impressão: Junho 2010. (polic.).

Townsend, Peter.1979.Poverty in the United Kingdom A survey of household Resources and standards of living. New York: Penguim Books.

---

[i] Cf. a abordagem formulada e desenvolvida por Serge Paugam 1994 [1991] .

[ii] Recomendam-se contributos de autores como Demazière 1999; Demazière e Dubar 1997; Paugam 1994 e 1991; e Touraine 1965, 1976, 1978, 1984, 1992, 1998 e 2005.

[iii] Refira-se ainda outra distinção entre *indivíduo* — unidade indivisível — e *pessoa* — indivíduo humano no sentido mais lato, manifestação visível do indivíduo pelo desempenho de papéis sociais (Cazeneuve 1995: 11).

[iv] Ver, por exemplo, os contributos de Lipiansky, Taboada-Léonetti e Vasquez 1990.

[v] *Cf.* Durand e Weil 1993; 83 e ss. Da vasta bibliografia analítica de Parsons, ver as sistematizações de Ferreira, *et al.* 1995: Capítulo 7.

[vi] O funcionalismo absoluto/radical foi formulado pela antropologia cultural anglo-saxónica: Malinowski — desde 1884 — e Radcliffe-Brown, desde 1881. Sobre o funcionalismo mitigado de Merton, ver, entre outros: Almaraz 1981; Martindale 1979; Durand e Weil 1993: 88 e ss.; Ferreira, et al. 1995: 237-29; Dubar 1991: 56 e ss. e Dawe 1980: 523-546.

[vii] Formulada na sua obra, The Structure of Social Action.

[viii] Esta outra produção é saliente no seu livro *The Social System* (1951), como nas suas posteriores obras conjuntas: com Bales e Shils, em 1953, e com Shils e Kluchohn, em 1957.

[ix] Ver paralelismo desta análise com a doutrina aristotélica das quatro causas – *substância*, *matéria*, *fonte da matéria* e *finalidade/bem* – por Martindale (1979: 496); e, num outro contexto, por Nicolas Herpin (1982: 48).